

# SÉCULO XVIII

PIETRO METASTASIO [1770]

*A Basilio da Gama – Rio de Janeiro  
Vienna 7 Aprile 1770.*

La mia crassa ignoranza dell'idioma del suo poema non ha bastato, gentilissimo signor Gama, a nascondermene tutto il valore. Ne ho già scoperto per me stesso abbastanza per trovarmi convinto, che Apollo anche sulle sponde del Rio Janeiro ha il suo Delo, il suo Cinto ed il suo Elicona; e per affrettarmi a procurare, come io faccio, un abile espositore che renda la mia vista più chiara, ed il mio piacer più perfetto. Buon per me, che l'età non secondi la violenta tentazione di cambiar d'emisfero per goder presente l'invidiabile parzialità delle spiritose ninfe Americane; incontrerei colà nel mio benevolo interprete un troppo pericoloso rivale. Abbia egli cura almeno di conservarmi gli acquisti, de' quali io gli son già debitore, e ponga in attività l'obbligante riconoscenza di chi sarà invariabilmente.

**Fonte:** *Tutte le opere di Pietro Metastasio: A cura di Bruno Brunelli, v. IV. Milano: Mondadori, 1954, p. 822.*

PADRE LOURENÇO KAULEN [1786]

***Resposta apologética ao poema intitulado O Uruguai***

[trechos]

Ao Leitor

Entre<sup>1</sup> as muitas penas venais, de que se serviu Sebastião José de Carvalho, primeiro Ministro da Corte de Portugal, para infamar os Jesuítas, de quem era inimigo declarado, uma foi, a que escreveu certos Cantos, dedicados a seu Irmão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Herói verdadeiramente de outros cantos digno, como veremos no decurso desta impugnação. Teve o Autor, não sei se diga a imprudência, se a impudência, de pôr o seu nome próprio no frontispício da obra, podendo com muita razão disfarçá-lo com o fingido, que tomou de Termino Sipílio, quando foi enxertado na Arcádia de Roma, por grande favor daqueles Acadêmicos, e eficaz intercessão dos Jesuítas. Mas esta manifestação, que de si fez o Autor, foi útil a todos, que o conhecem; porque o mesmo foi ler o seu nome, que desprezar a sua obra; e julgá-la por mais digna de se dar ao fogo, que à luz; por ser um dos mais monstruosos partos, que produziu nesse século a ingratidão junta com o interesse.

***Resposta apologética ao poema intitulado O Uruguai***

Antes, que entre a refutar as calúnias, que se encontram no corpo da Obra, que impugno, quisera primeiro saber do Autor dela, a que propósito vêm aqueles dous versos de Virgílio postos no frontispício

*At spoecus, e caci detecta apparuit ingens  
Regia, e umbrosae penitus patuere cavernae.*

*AEneid. VIII.*

---

<sup>1</sup> Nota da obra: “Tal foi a do Abade Platel, nas suas *Memórias históricas*. Tal a do P. Tofetti, nas suas *Reflexões*. Tal a do P. Dinelli, na sua Obra intitulada *Lobos desmascarados*. Tal a do Bottari, na sua *crítica*, e as de outros inumeráveis; não falhando em algumas de Portugueses, cujos nomes por sua honra aqui se calou”.

como se quisesse com eles indicar o escopo do seu Poema, e comparar àquela fabulosa cova a sagrada Companhia de Jesus? Se tanto lhe ocorreu, que temeridade! Que insolência! Uma Religião sucessivamente ou aprovada, e confirmada, ou louvada, e exaltada até às estrelas por todos os Sumos Pontífices contemporâneos a ela, menos o que a aboliu. Uma Religião protegida por tantos Príncipes católicos, venerada de tantos Bispos zelosos, amada de todos os bons, e só temida dos maus. Uma religião, que deu à Igreja tantos Mártires, aos Altares tantos Santos, ao mundo tantos Doutores, e Mestres, à República literária tantos volumes, em todas as Ciências. Uma religião, que ela só compreendia, e abraçava os Institutos de quase todas as outras: porque ela pregava nos púlpitos, assistia nos confessionários, catequizava nas praças, ensinava nas Cadeiras, missionava nas cidades, propagava a Fé entre os Bárbaros. Uma Religião finalmente, que dilatada por todo o mundo, em todo ele se ocupava em promover a maior glória de Deus, e o bem espiritual dos próximos. E é possível, que assim a afronte um filho adúlterino dela, intentando compará-la a um covil de ladrões, a um esconderijo de piratas, e a um asilo de malfeitores?

## Canto II

1. Neste segundo Canto levantando mais a voz o nosso Poeta, em vez de Tiple, mostra ser um mau Falsete, receitando em um tom tão dissonante, que faz tinir os ouvidos

.....

5. Na página 25 introduzindo no verso a falar um Índio chamado Cacambo em nome dos mais, que vinham com ele buscar o General Português, comenta as palavras: *buscar-te venho*, com esta Nota: *tenham positiva ordem dos PP. para o não fazer*. Senhor Gama, que os Poetas finjam, ou mintam, passe; porque têm licença para o fazer [...] mas os históricos devem sempre falar verdade: de outra sorte, quem havia de dar crédito a tanta multidão de fatos, de que estão cheios os livros, e estimar os volumes de tantos Historiadores, de que estão repletas as livrarias. Falemos claro, que a vinda do Índio *Cacambo*, e a sua alocução ao General Português seja uma cousa fingida, todos o creem; assim porque está em verso, no qual se admitem estes, e semelhantes entusiasmos dos Poetas, como também porque não é crível, que os Índios estando tão agravados dos Portugueses, livre, e espontaneamente viessem à sua presença; mas que viessem tendo

*proibição dos PP. para virem*, como diz na sua Nota, é uma solene mentira, manifesta por dous princípios: primeiro, porque não eram os Índios tão tolos, que viessem por sua vontade a meter-se na boca dos Lobos, quais julgavam os Portugueses: segundo, porque suposta a tão decantada cega obediência, que os Índios tinham aos Jesuítas, não haviam de dar um passo contra as suas ordens, nem contravir à sua proibição. [pp. 80-1]

\*

22. Na página 30, na qual vai continuando a alocução do Índio Cacambo ao General Português, traz em verso estas palavras.

Vê que o nome dos Reis não nos assusta:  
O teu está muito longe; e nós os Índios  
Não temos outro Rei mais, do que os Padres.

Palavras são estas, que o Poeta comenta com esta Nota: *Estas expressões não são ornato da Poesia: passou na realidade tudo quanto se faz dizer a este Índio*. Que este Poeta nos versos fingisse sair da boca de um Índio toda aquela sua arenga com termos altivos, e arrogantes, eu lho permitiria; sabendo, que os Poetas assim costumam fazer, quando introduzem práticas em semelhantes encontros: mas que na prosa diga, *que tudo*, o que faz dizer ao Índio, *passou na realidade*, isso não: isso não lho posso sofrer, nem desculpar.

\*

23. Na página 31 aonde introduz uma prática do General Português aos Índios Espanhóis, traz estas palavras; que melhor fora que as não trouxera:

O Rei é vosso Pai, quer vos felizes,  
Sois livres, como eu sou, e sereis livres,  
Não sendo aqui, em outra qualquer parte,  
Mas deveis entregar-nos estas terras.

Oh! que bem arrancada Ameixieira! Oh! que bem deduzida consequência!

*O Rei é vosso Pai, quer vos felizes,*

mas ponde para aqui tudo aquilo, em que consiste a vossa felicidade; as vossas povoações, as vossas casas, os vossos campos, e hortas, de que vos sustentais, e também os vossos gados.

*Sois livres, como eu sou, e sereis livres.*

Mas por força, ou por vontade: ou queirais, ou não queirais, deveis, e sois obrigados a deixar as vossas Aldeias com tudo, o que tendes nelas: as fábricas, que fundastes, as obras, que fizestes, as Igrejas que erigistes com tanto trabalho e gastos. [...]

E que prática mais inepta, e menos proporcionada a mover os Índios à mudança pretendida! Dizer-lhes, que se queriam ver-se livres da escravidão dos Jesuítas fossem para outras terras; sabendo eles, que nas suas, e debaixo da direção dos Jesuítas tinham toda a liberdade: dizer-lhes, que saíssem dos próprios países, perdendo quanto neles possuíam, e fossem habitar em outros, aonde não achariam nada! Por isso eu acima disse, que melhor fora não pôr na boca de um General Português tão sensato, e prudente, como era o Senhor Gomes Freire de Andrade, umas razões tão frívolas, uns motivos tão inconcludentes.

### Canto III

1. Não contente este satírico Poeta, pior que nenhum outro da gentildade, possuído verdadeiramente do espírito da maledicência, e também da imundícia pelo muito que se deleita em falar em cousas, e matérias desonestas, e impudicas; não contente, digo, de contaminar com uma fingida, mas dissimulada calúnia do seu segundo Canto a sólida, e bem fundada opinião de virtudes, que tinha em toda a América o Jesuíta Balda, torna neste canto terceiro sem reboço já, e a carta descoberta a infamá-lo, não só de desonesto, mas de homicida, qual outro David, dizendo dele nos seus versos, que animara, e mandara à guerra o Índio Cacambo, para que desembaraçado da sua presença gozasse mais livremente da companhia da sua consorte, a quem dá o nome de Lindoia; e que tornando este da campanha não esperado, o encerrara em um cárcere, e finalmente por virtude de um desconhecido liquor o matara; para não poder mais nesta vida falar com a dita sua consorte. Com estes amores quiméricos, ou entusiasmos amorosos, julgou talvez o nosso Poeta, que divertiria os leitores, e faria mais

voluminosa a sua canção; suprindo a falta de ações verdadeiramente grande do seu Herói com delitos fingidos, e supostos de um inocente Missionário Jesuíta. Mas não advertiu este miserável, e infeliz (assim lhe chamo, porque é digno de compaixão) que não basta a língua de um maléxico libertino, nem a pena de um Poeta satírico, e sobre satírico adulator, para deturpar, e escurecer a fama de quem é tido, e avaliado geralmente por virtuoso, e santo. [...]

Primeiramente não consta, nem se pode averiguar, que este Índio tivesse por consorte Índia alguma com o nome de Lindoia; nem que houvesse mulher no mundo com este nome: razão, por que se pode argumentar, que assim o nome, como a mulher são fingimentos do Poeta. Em segundo lugar, é falso, que o Índio Cacambo fosse Príncipe, e descendente de sangue Real, nem a sua esposa, como diz o Senhor Gama nos seus versos; não tendo existido jamais naquela parte meridional da América nem Rei, nem Roque; mas só antigamente no México, e no Peru; países assaz remotos das Aldeias do Uruguai, aonde estavam os Jesuítas.

.....

12. Na página 60 não tendo este Poeta, que contar, ou cantar do seu Heroi o Senhor Mendonça, passa da América à Europa a louvar o seu Mecenas, o Senhor Carvalho. Para isto finge nos seus versos, que Lindoia vira no Paraguai por arte do Diabo a Cidade de Lisboa arruinada por causa do terremoto de 1755. Ora eu não reparo aqui no grande pulo, e salto, que deu este Papagaio do Brasil passando de um voo tanta terra, e tanto mar, para dizer quatro lisonjas a quem esperava, que lhe desse de comer; (a fome a isto, e a muito mais obriga) o que censuro é, que para adular o Senhor Carvalho, infamasse os Jesuítas, dizendo em uma Nota: *É notório quanto os Jesuítas abusaram e pretenderam servir-se da calamidade pública [o terremoto] para consternar os povos, e reduzi-los aos seus perniciosíssimos interesses. De sorte, que a não ser a serenidade de ânimo do nosso amabilíssimo Monarca, verdadeiramente imperturbável, e a constância do seu iluminadíssimo Ministério [quer dizer ministro] ficava para sempre Portugal sepultado nas ruínas de Lisboa.* Estas palavras, que fielmente trasladou aqui o Senhor Gama de alguns escritos compostos pelo Senhor Carvalho, têm sido verdadeiramente um enigma, mas tão confuso, e escuro, que ninguém até aqui o pode entender, nem penetrar. A razão é, porque por mais torturas, que se tem dado ao entendimento, não ocorre, quais

fossem os perniciosíssimos interesses, a que os Jesuítas pretendessem reduzir os povos, consternando-os, e servindo-se abusivamente daquela pública calamidade?

#### Canto IV

A quem acompanhava vagaroso  
Com as chaves no cinto o Irmão Patusca,  
De pesada, e enormíssima barriga;  
Jamais a este o som da dura guerra  
Tinha tirado as horas do descanso;  
De indulgente moral, e brando peito  
Que penetrado da fraqueza humana  
Sofre em paz as delícias desta vida,  
Tais, e quais no-las dão; gosta das cousas;  
Porque gosta; e contenta-se do efeito,  
E não sabe, nem quer saber as causas.

Tive a paciência de copiar aqui esses versos, para que visse o meu leitor, em que gastou papel, e tempo este Poeta das dúzias; em fingir um leigo com todas aquelas qualidades, que tão miudamente refere. Disse em *fingir um leigo*; porque até aqui não consta, que existisse no mundo este indivíduo da natureza humana; nem que tivesse tal alcunha. Donde vem, que a Nota, que traz nesta mesma página em confirmação da verdade, com que fala, é uma solene mentira. A nota diz assim: *Este retrato [do Patusca] é tirado ao natural de um leigo da Companhia, que o Autor conheceu*. Mas, Senhor Gama, se V. Mcê nunca esteve no Paraguai, nem o Patusca no Brasil, aonde o conheceu? Em Roma, quando lá foi pretender segunda vez a Companhia? Mas se em Roma nunca estiveram Jesuítas Espanhóis, como o conheceu ali? [...]

Seja assim; mas que cousa mais alheia de um Poema tão grave, e tão sério, como é, ou deve ser este seu laudatório, e encomiástico de um *Herói, e irmão de Heróis*, qual foi o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador, e Capitão General das Capitanias do Grão Pará, e Maranhão, e depois Secretário de Estado de sua Majestade Fidelíssima &, do que introduzir entre as suas gloriosas ações a ridícula descrição de um leigo Jesuíta; podendo com facilidade expor mais largamente as proezas, que fez, as façanhas, que obrou este seu Herói?

**Fonte:** *Resposta apologética ao poema intitulado O Uruguai composto por José Basílio da Gama e dedicado a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal.* Lugano, 1786, pp. 3-4; 15-16; 72; 107-108; 111-112; 129-131; 148-149; 193-195.